



**CÂMARA DOS DEPUTADOS**  
DEPUTADA FEDERAL ALICE PORTUGAL - PCdoB/BA

**COMISSÃO DE CULTURA**

**REQUERIMENTO Nº , DE 2024**  
**(Da Sra. Alice Portugal)**

***Requer a realização de audiência pública da Comissão de Cultura destinada a celebração dos 189 anos da Revolta dos Malês.***

Senhor Presidente,

Revolta do Malês aconteceu em Salvador no dia 25 de janeiro de 1835. Naquela época, a capital baiana era uma das principais cidades escravistas do Brasil. Os mobilizados rebelaram-se contra a imposição do catolicismo e tinham o objetivo de sair do bairro da Vitória até Itapagipe no trajeto para tomar engenhos e libertar outras pessoas escravizadas.

Foi nesse cenário que deu-se a maior revolta de escravos do Brasil. Os participantes da Revolta dos Malês foram na sua maioria da tribo nagôs. Boa parte dos envolvidos eram muçulmanos, mas muitos também eram adeptos de religiões de matriz africana, tendo seu envolvimento marcante, evidenciando assim o papel da religião na luta por transformação social.

O levante dos Malês comprova que negras e negros estavam mobilizados para libertação desde muito antes da Lei Áurea e da organização do Movimento Abolicionista. Em diferentes momentos e movimentos, os escravizados já enfrentavam a desumanidade imposta durante o período colonial e, na sequência, pelo Império de Dom Pedro I e Dom Pedro II.

Os Malês - ou “muçulmanos”, na língua iorubá - opunham-se à





**CÂMARA DOS DEPUTADOS**  
DEPUTADA FEDERAL ALICE PORTUGAL - PCdoB/BA

Apresentação: 06/05/2024 12:42:04.577 - CCULT

REQ n.19/2024

proibição de outras práticas religiosas e consequente imposição do catolicismo. além de se revoltarem com a constante violência, discriminação e subjugação dos negros. Como o próprio nome dado ao acontecimento já explica, grande parte dos revoltosos era formada por negros hauçás, fulânis, nupês e outros islamizados que vieram de África.

Pouco se fala da presença dos muçulmanos entre os povos africanos, mas não era incomum a presença deles por todo o continente. Trazidos ao Brasil Colônia, formavam um grupo coeso em que muitos tinham escolaridade, consciência política e certa experiência militar. A forte conexão religiosa facilitava a transmissão de informações entre eles sobre o que se passava em África. Inspirados por movimentos anteriores e secretamente organizados, eles traçaram um plano para tomada do poder em Salvador.

A Revolta dos Malês contou ainda com a participação de inúmeras “ganhadeiras” - negras que trabalhavam nas ruas, ganhavam dinheiro e entregavam esse “ganho” aos seus senhores. Por estarem fora das senzalas e das casas grandes, possuíam certa distinção em relação aos outros escravizados e circulavam com maior facilidade no centro urbano, organizando a revolta sem chamar muita atenção. Muitos dos “escravos de ganho” eram alfabetizados e como grande parte dos brasileiros da época não sabia nem ler nem escrever, essa habilidade os tornavam aptos para trabalhos que nem mesmo os brancos pobres conseguiam exercer. Suas alforrias eram ainda mais caras que a dos outros escravizados.

Registros históricos dão conta de que naquela época somente 22% da população da cidade de São Salvador era de brancos livres. Os escravizados africanos (e seus descendentes) eram 40% da população total da cidade que, na época, beirava os 65 mil habitantes\*.

Uma importante personagem dessa história foi a negra Luísa Mahin, ex-escrava que possivelmente trabalhava como ganhadeira e, entre as vendas de seus quitutes e charutos, recebia e repassava mensagens (em árabe) trocadas entre os revoltosos. Ao que tudo indica, anos depois ela teve participação em outra revolta: a Sabinada, também na Província da Bahia.



\* C D 2 4 4 8 6 0 9 3 2 2 0 0 \*



**CÂMARA DOS DEPUTADOS**  
DEPUTADA FEDERAL ALICE PORTUGAL - PCdoB/BA

Apresentação: 06/05/2024 12:42:04.577 - CCULT

REQ n.19/2024

Luísa entraria para a História também como a mãe de Luís Gama, outro ícone na luta liberdade dos negros em terras brasileiras.

A data escolhida para o levante malê não foi aleatória. Foi prevista para o “Ramadã” - mês sagrado para os muçulmanos - e estrategicamente coincidindo com as celebrações católicas do dia de Nossa Senhora da Guia, que tomavam a atenção de boa parte da população. Entretanto, a insurreição não foi bem sucedida pois uma denúncia fragilizou a rebelião. Aqueles que foram às ruas para o combate acabaram sendo pegos de surpresa por uma polícia que - já avisada da revolta - os aguardava com maior poder militar. Apesar do objetivo inicial não ter sido conquistado, a Revolta dos Malês influenciou outros movimentos insurgentes e permanece até hoje como símbolo de resistência.

Os malês eram estudiosos, sabiam ler e escrever em árabe e fazer contas. Por este motivo eram usados como escravos de ganho e atuavam na área urbana de Salvador. Trabalhavam no comércio vendendo frutas, ou como sapateiros, ferreiros, pedreiros. Fato que lhes garantia maior mobilidade para circular pela cidade e se comunicar com outros escravizados malês e organizar reuniões com os levantes.

Estes negros foram a prova da grande capacidade de mobilização que havia entre os escravizados. Com estratégia e ousadia, conseguiam incitar escravizados a participar da revolta. Uma destas estratégias foi distribuir panfletos escritos em árabe – isso foi uma maneira de divulgar o planejamento do levante sem que os patrões descobrissem as reais intenções do grupo. Após algumas tentativas de revoltas que foram reprimidas, foi possível enxergar que poderiam construir um movimento mais forte.

Diante da importância histórica e cultural da Revolta dos Malês, creio ser de suma importância que a Comissão de Cultura da Câmara dos Deputados realize audiência pública para celebrar os 189 anos deste movimento libertário protagonizado por negros escravizados que deixaram o exemplo de luta contra a escravidão para todo o país.





**CÂMARA DOS DEPUTADOS**  
DEPUTADA FEDERAL ALICE PORTUGAL - PCdoB/BA

Requeiro pois, nos termos do art. 255 do Regimento Interno da Câmara dos Deputados, a realização de audiência pública da Comissão de Cultura destinada a celebrar os 189 da Revolta dos Malês.

Requeiro ainda que sejam convidados para participar desta audiência pública as seguintes entidades e autoridades:

- 1- Sr. Raimundo Bujão, presidente do Fórum de Entidades Negras da Bahia;
- 2- Sr. João Jorge Santos Rodrigues, presidente da Fundação Cultural Palmares;
- 3- Ministra Anielle Franco, do Ministério da Igualdade Racial;
- 4- Margareth Menezes, ministra de Estado da Cultura;

Sala da Comissão, em        de março de 2024.

**Alice Portugal**  
Deputada Federal

